



O que querem os libertários e por que deram um giro à extrema-direita?

Pablo Stefanoni¹

Tradutora: Luiza Foltran²

-
- 1 Pablo Stefanoni é Doutor em História pela Universidade de Buenos Aires. Combina o trabalho como escritor e pesquisador em ciências sociais. Desde 2011, está como chefe de redação da revista Nueva Sociedad, além de colaborar com a edição Cone Sul do Le Monde Diplomatique e com o suplemento “Ideias” do jornal La Nación. Integra o Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de las Izquierdas (CeDInCI)/Universidade Nacional de San Martín (Unsam). pablostefanoni1@gmail.com.
 - 2 Luiza Foltran é graduada em Letras Português-Italiano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestranda em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é pesquisadora do Monitor do Debate Político no Meio Digital, com foco na contracultura da juventude de extrema-direita. foltran.luiza@usp.br.

RESUMO

O livro ¿La rebeldía se volvió de derecha? Cómo el antiprogressismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (2021), do historiador argentino Pablo Stefanoni, ajuda a entender como a Nova Direita conseguiu ressurgir como portadora de uma rebeldia antissistêmica. O capítulo aqui traduzido conta a trajetória de Javier Milei, o economista ultraliberal que se converteu em ponta de lança das guerras culturais no país. Ao resgatar a trajetória política e intelectual de Milei, Stefanoni mostra como os temas morais que caracterizam as guerras culturais se conectam e se entrelaçam com o ultraliberalismo econômico. Depois de publicado o livro, a coalizão liderada por Milei conseguiu 17% dos votos na região de Buenos Aires, consagrando-se como a terceira força política da região.

Palavras-chave: antiprogressismo; anticorreção política; Nova Direita; rebeldia antissistêmica; ultraliberalismo.

ABSTRACT

The book ¿La rebeldía se volvió de derecha? Cómo el antiprogressismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (2021), by the Argentine historian Pablo Stefanoni, helps to understand how the New Right managed to reappear as the bearer of an anti-system rebelliousness. The chapter translated here narrates the trajectory of Javier Milei, the ultra-liberal economist who became a spearhead of the culture wars in his country. By recalling Milei's political and intellectual trajectory, Stefanoni shows how the moral themes that characterize the culture wars are connected and interweaved with economic ultraliberalism. After the book was published, the coalition led by Milei reached 17% of the votes in the Buenos Aires region, establishing itself as the third political force in the region.

Keywords: anti-progressivism; anti-political correctness; New Right; anti-system rebelliousness; ultraliberalism.

INTRODUÇÃO

É ra mais de meia-noite de uma madrugada agradável de sábado, em 2019, celebrando o fim de mais um verão em Buenos Aires. Uma obra curiosa é encenada no teatro Regina, um clássico do centro portenho. O ator é um economista excêntrico que nos últimos anos vem estrelando os *talk shows* televisivos, em uma cruzada antikeynesiana jamais vista na Argentina. Envolvido por uma bandeira de Gadsden³ e com uma música de *Una Bandita Indie de La Plata*, Javier Milei entra no cenário como o “último punk”, o “único que poderá nos salvar do socialismo apocalíptico”. Para o público, é uma noitada de sábado: casais de jovens com curiosidade de ver pessoalmente o economista do momento e aproveitar para tirar selfies e simpatizantes das ideias libertárias, que buscam escutar discursos contra políticos – “parasitas adoradores da religião do Estado” –, impostos, “empresauros” – empresários que vivem do Estado – e sobre a decadência argentina.

.....
3 A bandeira amarela e preta, hoje utilizada pelos libertários, é uma bandeira revolucionária estadunidense com uma víbora e uma legenda “Não pise em mim”.

A obra se chama *O consultório de Milei* e, de vez em quando, lota as salas de diversos teatros do país. Na cenografia modesta, evidentemente feita às pressas, destacam-se alguns retratos que constituem o panteão liberal-libertário: John Locke, Milton Friedman, Ludwig Von Mises, Friedrich Hayek, Murray Rothbard e o próprio John Maynard Keynes. As razões de sua presença isolada em uma extremidade do palco logo são reveladas: o economista britânico receberá “pessoalmente” os gestos obscenos lançados por Milei, que considera a sua obra “pura merda” escrita para “políticos messiânicos e corruptos”. Milei é, sem dúvida, quem pôs em circulação com mais força, desde 2015, uma série de tópicos libertários e até mesmo anarcocapitalistas em um país alheio a tal desprezo pelo Estado. De fato, os libertários se queixam de que a “Argentina é o país mais surdo do mundo”.

A maioria dos nomes dos retratos pendurados possivelmente dizem algo ao leitor, que provavelmente já os ouviu sendo mencionados em outras ocasiões. Com exceção de um: Murray Rothbard. Este libertário estadunidense, formado na escola austríaca de Economia de Mises e Hayek, é, não obstante, uma figura chave para compreender as pontes entre os libertários e a extrema direita. Ler Rothbard – o que descobri enquanto pesquisava para escrever este livro – joga luz sobre o que, *a priori*, parece um mundo de contradições e permite organizar de outra forma as peças para dar sentido ao quadro de ideias. Foi ele quem, no início dos anos 1990, batizou a síntese libertário-conservadora como “paleolibertarianismo”, como uma forma de articular ideias libertárias e reacionárias. De fato, os libertários do século XXI – no sentido atribuído ao termo nos Estados Unidos – parecem se localizar cada vez mais à direita. Estes são os libertários dos quais nos ocuparemos aqui.

No caso argentino, as ideias de Rothbard atraem muitos jovens, ainda pré-adolescentes, que encontram nele uma fonte de inspiração, além de ser acessível em espanhol a partir das traduções da editora Unión. Esses jovens admiram Donald Trump e Jair Bolsonaro,

defendem a liberdade de portar armas – ainda que a maioria deles dificilmente saberia apertar o gatilho – e se opõem à legalização do aborto; muitos deles participam do movimento celeste.⁴ Portanto, bem como Milei, muitos tem como referência Agustín Laje, um influenciador argentino e produto de exportação que escreveu com Nicolás Márquez o *best seller* *O livro negro da nova esquerda* (2016), cuja capa abriga uma imagem de Che Guevara com os lábios pintados. Laje está embarcando em uma guerra cultural contra o feminismo e, mais globalmente, contra o progressismo, aspirando ser uma espécie de Gramsci de direita (ELMAN, 2018). Não é o primeiro que tenta – o italiano sempre gerou um certo fascínio na direita. Laje também oferece a sua “pílula vermelha” para acessar a verdade ocultada por um sistema controlado pelo progressismo. No seu caso, a pílula azul – aquela da escravidão mental – não é sinônimo de Chomsky, mas de Judith Butler, a maior expoente da “ideologia de gênero”, embora o seu combate ao “politicamente incorreto” às vezes se estenda a uma revisão pró-ditadura dos anos setenta – tarefa na qual se destaca, sobretudo, Márquez.

Recentemente, aproveitando uma estadia na Espanha, Laje se aproximou do Vox, partido que reivindica ser a “direita de verdade”. Seu canal de YouTube tem 750 mil inscritos e Laje é convidado regularmente a dar conferências na América Latina, em que participam figuras do primeiro escalão das direitas “de verdade” desses países, incluindo algum presidente ou ex-presidente. “Recuperar o termo ‘direita’, assim como faz o Vox, é uma boa forma de articular diferentes conjuntos de ideias que se parecem muito”, disse ao diário *El Español* (ONDARRA, 2020), que apresentou o argentino de maneira sensacionalista como “O guru que inspira o Vox”.

Milei e Laje se dividem nas tarefas: um vende a pílula vermelha econômica – para matar o vírus keynesiano – e o outro a pílula vermelha da cultura – para acabar com a “ideologia de gênero”.

.....
4 A cor azul celeste se tornou símbolo e apelido do movimento antiaborto argentino, que passou a utilizar bandanas azuis para se contrapor às bandanas verdes características do movimento feminista e pela legalização do aborto (N. T.).

Muitos jovens as compram. Suas conferências, vídeos de YouTube ou polêmicas no Twitter chegam a milhares de pessoas e constituem, sobretudo, um fenômeno cultural. Muitos sentem que estão na caverna resistindo à “polícia do pensamento”.

Para além dos “liberais de sempre”

Seria cômodo, a partir de uma visão progressista, desqualificar o fenômeno dos libertários, classificando-os como “os neoliberais de sempre”, dizer que os liberais sempre apoiaram ditaduras e defendem a liberdade quando lhes convém, que não haveria nada de novo nem contradição alguma nessa “nova direita”. Mas também poder-se-ia fazer um esforço para captar a novidade e potência desse libertarianismo contemporâneo para se apresentar como “rebelde” diante do *status quo*, o que o progressismo muitas vezes já não é capaz, e construir uma narrativa, ainda que esquisita, acerca do mundo atual.

Para tentar compreender esse fenômeno, que recupera ideias libertárias e conservadoras com base na cultura política estadunidense, faz-se necessário olhar mais adiante no tempo e no espaço, especificar do que falamos quando falamos libertários – e paleolibertários – e levar as ideias a sério, ainda que tenham uma forte carga de utopia – poderia a esquerda acusar os outros de utópicos? – e se apresentem de forma repulsiva em muitos aspectos, visto que não ocultam as suas posições anti-igualitárias. Mas mergulhar um pouco neste (sub)mundo também pode ser produtivo para contrastar ideias e preconceitos e uma porta para descobrir personagens que organizaram suas vidas em busca de várias formas de utopia capitalista, às vezes tão utópica que, se forem encarnadas, talvez não poderíamos mais falar estritamente de capitalismo, pelo menos não como o entendemos hoje.

Os libertários costumavam combinar o seu desejo de destruir o Estado com a convicção de que cada um é dono da sua vida – para consumir ou não drogas, dormir com quem quer que fosse etc. – no âmbito privado. O Estado não teria por que se meter aí. Isso os

tornava, às vezes mais, às vezes menos, progressistas no âmbito da cultura. Mas isso mudou. Cada vez mais nos deparamos com gente que se autointitula como “libertária” e que repete os discursos das extremas direitas, fato que levou o estudante de Oxford, Elliot Gulliver-Needham (2018), a colocar explicitamente a questão – por que os libertários deram um giro à direita? – em um artigo que é uma das melhores sínteses da problemática. Trata-se, sem dúvida, de uma pergunta muito relevante, já que hoje são notórias – e em alguma medida, curiosas – as convergências entre libertários e reacionários, entre antiestatistas e autoritários, incluindo racistas. O libertarianismo é um degradê que vai desde os liberais clássicos até os anarcocapitalistas (Ancap), ou anarquistas de mercado.⁵ Trata-se de uma corrente fincada, sobretudo, nos Estados Unidos, onde se conecta com certos valores do “espírito liberal” de seus fundadores. Na verdade, os libertários podem admitir algumas formas protoestatais. Essas formas, por outro lado, deveriam ser necessariamente locais e voluntárias, ou seja, deveria ser possível sair delas, ainda que no mundo atual essa saída do Estado não seja possível. Portanto, como já não restam territórios externos a alguma soberania estatal para “desertar”, o Estado deveria se reduzir ao mínimo possível. Esse tipo de libertarianismo se distingue do libertarianismo de esquerda na medida em que acolhe uma utopia capitalista, ainda que, como veremos na história, não tenham sido poucas as pontes entre libertários de “esquerda” e de “direita”, especialmente dos anos sessenta e setenta do século XX.

As fronteiras são muitas vezes difusas, porque o Estado é um inimigo comum. O libertarianismo navega em águas turbulentas entre a esquerda e a direita. É possível defender “libertariamente” o consumo de drogas, o aborto e outras demandas identificadas com o progressismo, ou é possível argumentar que o mercado infinito abarca também os “mercados incômodos”, como a venda de

.....
5 Veja Nozick (2017) sobre minarquismo e a justificativa do estado mínimo. Vale a pena ler também o livro *O Capitalismo Utópico*, em que Rosanvallon (2006) faz uma genealogia da “ideologia do mercado”.

órgãos, a privatização da segurança social e até a justiça; é possível rechaçar as guerras e o imperialismo, mas também lutar pelo fortalecimento das igrejas, famílias e empresas, como contrapartida do poder do Estado. Sim, este último também, e efetivamente, é a versão da extrema direita do libertarianismo que se demonstra mais dinâmica, capaz de estender pontes e armar coalizões com outras direitas, diferentemente do libertarismo mais “puro” como o do Partido Libertário dos Estados Unidos, que se encontra cada vez com mais dificuldades para conseguir aliados.⁶

Não é incomum que as utopias libertárias de direita – constantemente alimentadas pela ficção científica – se mesquem, de maneira promíscua, com (retro)utopias conservadoras que buscam regressar a um passado de ouro ou avançar em direção a futuros anti-igualitários. Ainda que sejam à primeira vista libertários e reacionários, não deveriam ter um terreno ideológico em comum. Existem apenas algumas sensibilidades compartilhadas que permitem articulações que, só na aparência, aparecem como excessivamente estranhas. Tanto os libertários como os reacionários odeiam a falácia da “igualdade” – como um fato e como um valor –, desprezam todo pensamento “politicamente correto”, compartilham seu incômodo com a democracia e imaginam formas pós-democráticas capazes de evitar a “demagogia dos políticos” e as “superstições estatistas das massas” (RAIM, 2017). Tanto uns como outros podem compor coalizões populistas, como a que levou Trump ao poder em 2016, que falam em nome do povo contra as elites. E, não menos importante, todos odeiam igualmente os já mencionados “justiceiros sociais”, um termo guarda-chuva utilizado nos Estados Unidos para desqualificar não apenas a luta pela justiça social no seu sentido rigoroso, como também a defesa do feminismo, dos

.....

6 Isso aconteceu com a guatemalteca Gloria Álvarez: quando ela escreveu *Como falar com um progressista*, o livro foi um sucesso entre os libertários de direita; quando escreveu *Como falar com um conservador...* silêncio no rádio. Hoje é típico de um libertário dizer algo como “posso discordar, mas vou defender seu direito de dizer isso com um comentário racista”, enquanto na frente de um progressista sua resposta será algo como: “Comunista!! Devemos acabar com esses ‘justiceiros sociais’”.

direitos civis e do multiculturalismo, praticamente qualquer coisa que orbite na constelação progressista. Mas, para além da mudança de significado do termo, o rechaço à ideia de que a justiça social é possível – e, mais ainda, desejável – tem uma longa história e está ligada à defesa do *laissez faire* e à rejeição do Estado: qualquer ideia de justiça social tem como condição o Estado, a cobrança de impostos e a redistribuição da riqueza. Com o tempo, o conceito passou a incluir outras facetas igualitárias no terreno de gênero, “raça” e meio-ambiente.

Contra a “arrogância fatal”

Os libertários têm um embasamento teórico poderoso na Escola Austríaca de economia que, desde Carl Menger (1840–1921), construiu um sistema econômico-filosófico para sustentar a superioridade do capitalismo do *laissez faire* sobre qualquer sistema alternativo. Há nele um conjunto de ideias sobre os mercados, a inovação e o próprio ser humano que propuseram a combater o socialismo – do marxismo até a social-democracia – e, de maneira mais ampla, a intervenção do Estado na economia; por isso, o keynesianismo está entre seus grandes inimigos. Para muitos deles, a forma como a crise de 1929 foi resolvida nos Estados Unidos marcou um ponto de inflexão negativo, que teve uma recuperação real somente a partir da revolução conservadora de Ronald Reagan nos anos 1980.

Para os austríacos, a sociedade é uma ordem espontânea, um processo competitivo que jamais se encontra em equilíbrio e não pode ser desenhada ou controlada de maneira centralizada por ninguém; por isso, uma intervenção econômica de qualquer tipo somente piorará as coisas ao alterar a “justiça distributiva” natural e inerente ao próprio sistema, que, em última instância, tende a se autorregular. Política e Estado são sinônimos de distorção, de alteração artificial – e, portanto, “injusta” – dessa ordem histórica natural. Instituições sociais-chave, como a linguagem, a religião, o dinheiro ou o mercado, são, desde a perspectiva dessa corrente, o resultado não intencional da interação humana. Eles refutam, ao mesmo

tempo, construções de tipo ideal, como o *Homo economicus* maximizador de lucros, as teorias econômicas – que sustentam que o livre mercado conduz ao equilíbrio (como a neoclássica) – e a aplicação do método das ciências naturais e da física ao campo da economia (“cientificismo”): na realidade, tratam-se de processos de “destruição criativa”, como o austríaco heterodoxo, Joseph Schumpeter, definiu os processos de inovação tecnológica sob o capitalismo.⁷ Efetivamente, para os austríacos, o mercado não é perfeito, nem transmite automaticamente as informações necessárias para operar com ele; obter essa informação, processá-la e atuar a partir dela dependerá dos próprios atores. Por isso, refutam a formalização da economia neoclássica, segundo a qual as capacidades empreendedoras e criativas se diluem nos pressupostos irrealistas dos modelos matemáticos. Os participantes no mercado podem errar ou cair na ilusão (Bagus, 2016).

Eugen von Böhm-Bawerk contribuiu com a sistematização das ideias de Menger, terceira geração que deu alcance global ao pensamento austríaco. Foi assim que se destacou Ludwig Von Mises (1881–1973), exilado nos Estados Unidos por causa do nazismo e autor de *A ação humana* (1949), e Friedrich A. Hayek (1899–1992), que publicou, em 1944, o seu livro célebre *O caminho da servidão* e, em 1974, obteve o Prêmio Nobel de Economia. Apesar da relevância e influência dos dois economistas até os dias de hoje, os austríacos são muitas vezes considerados como uma escola renegada pelo pensamento econômico e recebem menos créditos do que mereciam. Rothbard escreveu:

O Prêmio Nobel surge como uma surpresa por duas razões. Não só porque todos os prêmios Nobel em economia anteriores foram para progressistas de esquerda e inimigos do mercado livre, mas também porque foram

.....
7 Parte da confusão entre as escolas austríaca e a de Chicago se deve ao combate comum antikeynesiano e à participação na Sociedade Mont Pelerin, em que membros de ambas as escolas costumam se encontrar. Desde 1947, havia três escolas principais de pensamento representadas: a Escola Austríaca, o Ordoliberalismo e a Escola de Chicago.

uniformemente para economistas que transformaram a disciplina numa dita “ciência”, cheia de jargões matemáticos e “modelos” irrealistas, que seriam então utilizados para criticar o sistema de livre empreendimento e tentar planejar a economia a partir do governo central. (ROTHBARD, 2010, apud DEIST, 2018)

Os austríacos são inimigos dos bancos centrais por considerarem que geram distorções nas economias – expansão de crédito sem garantias, bolhas e crises – e que constituem uma espécie de órgão de planejamento socialista em economias de mercado – o que talvez soe familiar para os leitores que ouviram isso de Milei em um programa de televisão. Argumentam que o campo dos prognósticos específicos seria empresarial e não corresponderia aos economistas que, na melhor das hipóteses, só poderiam fazer “previsões” qualitativas ou teóricas referentes aos efeitos descoordenados do intervencionismo econômico em qualquer uma de suas facetas. Não são, assim, cientistas econômicos capazes de realizar previsões aplicáveis a determinadas coordenadas temporais e espaciais.

Para além das várias contribuições econômicas feitas pelos austríacos – teoria do ciclo econômico e da função de negócios, “demonstração” da impossibilidade do socialismo –, o seu impacto está ligado à própria concepção do capitalismo e à sua luta contra as ideias intervencionistas. Se o valor é subjetivo, como eles sustentam, serão os consumidores que decidirão tanto o destino dos empresários, como o funcionamento da economia de mercado. Em *A mentalidade anticapitalista*, Mises (2011a) escreveu que o homem na rua em um sistema de mercado é o consumidor soberano e que, ao comprar ou se abster de fazê-lo, é quem decide em última instância o que deve ser produzido, em qual quantidade e qualidade. As empresas, continua, “estão sempre, direta ou indiretamente, a serviço das massas” (VON MISES, 2011a). Se trataria de um plebiscito permanente, em que as pessoas comuns – que, não por coincidência, são concebidas como consumidores por

essa escola antes de serem trabalhadores ou cidadãos – são os verdadeiros detentores do poder. É o que Mises chamou de “democracia de mercado”. Inclusive, são os consumidores que realmente “pagam” os salários dos trabalhadores ao comprar ou deixar de comprar – uma ótima maneira de eximir os capitalistas de qualquer acusação de exploradores.

Em 1959, Mises visitou Buenos Aires convidado por Alberto Benegas Lynch; veio em junho, mês em que Álvaro Alsogaray assumiu o Ministério da Economia, e em uma de suas seis conferências na Universidade de Buenos Aires disse que “os verdadeiros padrões no sistema econômico [capitalista] são os consumidores” (VON MISES, 2011b). São os consumidores, e não os empresários, que dão as ordens em última instância. Em resumo: a microeconomia contra a macroeconomia. Democracia “de empresários” contra a democracia “de políticos”.

Os austríacos se propuseram – em um contexto hostil, marcado pela popularidade das ideias intervencionistas – a demonstrar a impossibilidade do socialismo. Vários de seus argumentos não deveriam ser simplesmente rejeitados pela esquerda. Referem-se a questões profundas sobre o funcionamento dos mercados que o socialismo enfrentou e que dificultaram os esforços, após a crise da economia planejada de tipo soviético, de reconstruir uma teoria do planejamento socialista capaz de funcionar, na prática, para além das formulações no plano analítico.

Mises sustentava que a atitude e as atividades comerciais do empreendedor derivam de sua posição no processo econômico e que se perdem com o seu desaparecimento; ou seja, essa “mentalidade comercial” – que permite atuar economicamente – não pode ser transferida a um planejador: este nunca atuará com “visão empreendedora”, um componente essencial do cálculo econômico. O segundo problema é a inexistência – em ausência de propriedade privada do capital, da terra e de mercados livres – dos preços de mercado, e, sem esses valores, é impossível para a mente humana

calcular ou projetar cenários complexos de produção, o que impede a passagem das economias socialistas a um estado mais elevado de desenvolvimento.⁸

Hayek considera o mercado uma ordem espontânea. Ainda que sua obra seja imensa, o livro que, por ser mais acessível, impactou especificamente as novas gerações libertárias foi o *Arrogância fatal – Os Erros do Socialismo*, publicado pela primeira vez em 1988, no período em que o socialismo real estava a ponto de implodir. Escrito com erudição, ao mesmo tempo com um tom agradável, Hayek (1988, p 13) sustenta que “o socialismo constitui um erro fatal de orgulho intelectual, ou se preferir, de arrogância científica”. Contudo, não se trata somente do socialismo *stricto sensu*; sua crítica abarca toda uma corrente ampla de “racionalismo construtivista” que busca refundar, mediante iniciativas de engenharia social, as instituições que dão forma à vida humana. O socialismo como a forma mais radical de intervencionismo social seria, dessa maneira, um erro e uma impossibilidade. Além disso, o socialismo não seria a expressão da modernidade, mas, ao contrário, teria em sua cosmovisão atávicos “instintos de solidariedade e altruísmo” (HAYEK, 1988, p.16) da vida agregada de pequenos grupos de humanos em tempos projetados no passado, agora em uma ordem extensa – ou seja, para além dos laços comunitários imediatos – de interação humana. Portanto, defende Hayek, o avanço socialista coloca em risco não somente a economia, como também toda a civilização. Não se trata de um livro de “economia”, mas de um tratado sobre a cooperação humana, as instituições e a própria civilização ocidental – hoje o bordão da “arrogância fatal” é encontrado até mesmo em letras de cumbias libertárias; sim,

.....

8 Alguns marxistas, como Kautsky ou Trotsky, também alertaram contra a ilusão de uma grande mente planejadora onisciente (BLACKBURN, 1993) e economistas como Alec Nove abordaram a questão do planejamento, preços de mercado e formas de superar o sistema de comando do tipo soviético. No entanto, esses debates ultimamente têm se confinado à esfera acadêmica e geram pouco interesse entre as esquerdas.

existem cumbias e chacareras libertárias em Buenos Aires, como as compostas por Un Pibe Libertário, de Isidro Casanova.

Hayek vai mais além da economia *tout court*. É verdade que o mercado, como uma ordem espontânea, gera e distribui uma quantidade inacessível de informação – em grande parte por meio de preços, que exprimem uma relativa escassez e transportam informação a longas distâncias –, de modo que, uma vez cancelados os mecanismos de mercado, nenhum planejador poderá recolher e transmitir a informação. Porém, os riscos do anticapitalismo vão ainda mais além: ele destruiria instituições morais que permitiram o avanço da humanidade, o que colocaria em risco a própria continuidade da civilização. “A ética anticapitalista, no entanto, não recua em seus esforços. Segue impulsionando, resolutamente, as pessoas a rechaçar aquelas instituições responsáveis por garantir a sua própria sobrevivência” (HAYEK, 2010, p. 190).

As crenças religiosas aparecem aqui como uma variável: até mesmo aqueles que não acreditam deveriam reconhecer, segundo Hayek, que essas crenças permitiram a preservação e transmissão de normas comportamentais que se confrontavam com os instintos e, em certa medida, contribuíram com o desenvolvimento histórico da civilização. Embora o artigo de Hayek de 1959 se intitulasse “Por que não sou conservador” e o texto se propusesse a definir as diferenças entre liberais e conservadores, o economista austríaco explica nas primeiras linhas:

Quando, em períodos como o nosso, a maioria daqueles que se consideram progressistas não fazem mais do que defender o declínio contínuo da liberdade individual, aqueles que realmente a amam costumam ter de desperdiçar energias na oposição, vendo-se assimilados aos grupos que habitualmente se opõem a toda mudança e evolução. Hoje em dia, de certa maneira, os defensores da liberdade não tem praticamente nenhuma outra

alternativa no terreno político que não seja apoiar os chamados partidos conservadores. (HAYEK, 2011, p. 1)

A propósito, não foi inusitado que muitos liberais tenham apoiado ditaduras militares pró-ocidentais e pró-mercado diante dos perigos do socialismo “liberticida”, ainda mais durante a Guerra Fria.⁹ Em uma enquete recente no Twitter, feita por um perfil libertário argentino, perguntava-se se os seus seguidores prefeririam uma ditadura liberal ou uma democracia economicamente antiliberal. Imaginem, leitor ou leitora, as respostas.

Libertários e anarcocapitalistas

Assim como muitos outros alemães que fugiram da Alemanha em meio à barbárie nazista, Mises deu início a uma trajetória que o levaria aos Estados Unidos, onde pretendia continuar a sua batalha pela “civilização” e “liberdade” e para a qual precisaria de novos discípulos. Encontrou um particularmente promissor dentre os jovens que haviam se aproximado da Foundation for Economic Education: um *think tank* antikeynesiano nas margens do Rio Hudson, depois de ler um artigo de George Stigler e Milton Friedman contra o controle de aluguéis em Nova York: se chamava Murray Newton Rothbard.

Rothbard nasceu no Bronx, proveniente de uma família de judeus russos e poloneses. Embora muitos imigrantes e conhecidos de sua família tenham aderido ao Partido Comunista, seu pai se manteve mais à direita. O jovem Rothbard frequentou a Universidade de Columbia, onde obteve o título de doutor em Economia na década de 1950. Desde a sua passagem pela escola pública – “o período mais infeliz da minha vida” – tinha feito do Estado o alvo dos seus ataques intelectuais e o transformado no inimigo de toda a

.....
9 O próprio Hayek declarou (1981), referindo-se ao regime de Augusto Pinochet: “Minha preferência pessoal é por uma ditadura liberal e não por um governo democrático onde todo liberalismo esteja ausente” em entrevista concedida ao jornal “El Mercurio”, 1981, p. D8-D9).

humanidade. Dessa forma, explicou a sua primeira “aproximação” ao libertarianismo em uma conferência de 1981:

Primeiro entrei no sistema educacional público e odiava todo mundo: os professores, o diretor, os meus colegas. Causei um monte de problemas aos meus pais, que me transferiram para uma escola privada. A partir desse momento passei a ir muito bem. Foi assim que a minha mente passou a associar imediatamente: escola pública má, escola privada boa. (Informação verbal)

Mas seria a partir de leituras posteriores, como o artigo sobre os alugueiros, que ele foi capaz de racionalizar esses “instintos anties-tatistas” em um contexto em que essas ideias eram impopulares entre os alunos. “Quando li ‘Ação humana’, tudo se encaixava, porque tudo adquiria sentido” (ROTHBARD, informação verbal apud RODRÍGUEZ, 2015, n. p.). Desde jovem, Rothbard se sentia próximo da chamada *old right*, a “velha direita”, e buscou filiar a sua tradição nas ideias de Thomas Jefferson, um dos pais fundadores dos Estados Unidos: desconfiança do governo central, isolamento e pacifismo. Depois de anos difundindo a sua presença em diversos grupos, Rothbard conheceu, em 1954, Ayn Rand, uma figura já conhecida no mundo libertário com sua “filosofia objetivista”. Rothbard se uniu ao círculo de Rand, chamado “o Coletivo”, um nome que, por um lado, era nitidamente irônico, por se tratar de um grupo de antioletivistas patológicos, e, ao mesmo tempo, revelava seu caráter de semisseita.

Rand também era oriundo de uma família judia e sua relação com Rothbard chegou a ser de muita proximidade. Teria nascido como Alissa Zinovievna Rosenbaum em uma São Petersburgo marcada pela revolução de 1905 – a primeira tentativa de revolução na Rússia que, em que pese o seu fracasso, plantou as sementes que brotariam em fevereiro e outubro de 1917 – e sua vida teve um itinerário singular. Em 1926, depois de pouco mais de uma década de regime bolchevique, migrou para os Estados Unidos para

concretizar o plano de estudar Filosofia e História e, após algumas escalas, chegou a sua Meca tão sonhada: Hollywood. Lá se tornaria roteirista de filmes (FOX, 2017). Rothbard foi inicialmente atraído pela abordagem filosófica de Rand, que promovia ideias racionalistas, ateístas e antioletivistas.

A filósofa russa se tornou conhecida pela sua defesa provocativa do “egoísmo racional” e pelo rechaço a qualquer forma de solidariedade social ou altruísmo, enraizado em seus ensaios e novelas, como *A nascente* (1943) e *A revolta de Atlas* (1957). Na primeira, é apresentada a luta entre o indivíduo criativo e a massa hostil, na imagem de um arquiteto. Em *A revolta de Atlas*, seu romance mais popular, Rand cria um cenário distópico que a permite desenvolver os elementos de duas ideias favoráveis à liberdade irrestrita do mercado: o país se encontra em decadência por causa da intervenção estatal excessiva e a sociedade se divide entre os “saqueadores” e os “não saqueadores”, com os políticos na primeira leva e os empresários na segunda. John Galt, personagem principal e alter ego da própria Rand, organiza uma greve e um êxodo de empresários – de fato, a novela quase se chamou “A greve” – que iniciam uma novela de aventuras e de luta do bem contra o mal, um formato que fez Rand ganhar milhões de leitores. No mais, Rand não apenas defende que os empresários produzem quase que exclusivamente para satisfazer as necessidades das massas, como dizia Mises, ou que o ego do homem é a fonte do progresso humano, mas afirma que “os homens de negócios americanos constituíram historicamente uma minoria odiada e perseguida” e foram “os bodes expiatórios dos erros dos burocratas”, especialmente através de leis antimonopólio. Para Rand, o único propósito das leis antimonopólio era “penalizar o sucesso e o sacrifício do gênio produtivo diante das demandas da mediocridade invejosa” (RAND, 2009, p. 74). A autora russa chegou a comparar, ainda, os empresários com as minorias oprimidas:

Se você se preocupa com as minorias, lembre-se que os empresários são uma pequena minoria, uma minoria minúscula, comparada com o total das hordas incivilizadas da Terra. Recorde-se o quanto se deve a essa minoria e que a perseguição desonrosa perdura [...]. Deveríamos ter uma União de Libertadores Civis para os empresários.¹⁰ (RAND, 2009, p. 79)

Embora ela fosse frequentemente desprezada por filósofos acadêmicos e suas teorias fossem consideradas uma espécie de “nietzscheanismo de supermercado”, o impacto de Rand no pensamento estadunidense é notório. As ideias da escritora russa encontraram um terreno fértil na cultura de massa dos Estados Unidos. Em 1991, uma investigação da Biblioteca do Congresso e do Clube do Livro do Mês descobriu que, com exceção da Bíblia, nenhum livro influenciou os leitores americanos tanto quanto *A revolta de Atlas*, um volume de mais de 1.200 páginas (LEVY, 2017).

Este tipo de literatura filosófica se articula bem com imagens dos próprios estadunidenses como *self made men*. De fato, uma das ideias centrais que percorre os seus livros é que, quanto maior for a realização do indivíduo, maior será a resistência da massa. Ayn Rand gabou-se aos seus amigos e à sua editora na Random House, Bennett Cerf, que estava “desafiando uma tradição cultural de dois mil e quinhentos anos” (ROBIN, 2010). Mas, paralelamente, constituiu um grupo extremamente restrito, centrado no culto à “razão” e à sua personalidade. Por exemplo, segundo consta, ela enviou uma mensagem a Rothbard dizendo que não “aprovava” o casamento deste, porque sua noiva era religiosa, ou seja, “irracional” para a cosmovisão atea Randiana (RODRIGUEZ, 2013).

A relação entre Rothbard e Rand era de amor e ódio. Rothbard acabou se distanciando do meio tóxico do objetivismo e trabalhou para estabelecer uma espécie de teoria anarcocapitalista geral que

.....
10 A *American Civil Liberties Union* é uma das maiores organizações de direitos humanos.

adquiriria o estatuto de “ciência” libertária do homem e da sociedade, tal como alguns marxistas procuraram fazer com o trabalho inacabado e frequentemente fragmentado de Karl Marx. Essa aposta terminou numa sucessão de batalhas intelectuais em que a escritora russa e o seu antigo discípulo se empenharam em ridicularizar um ao outro e aos seus seguidores. Para Rand, o objetivo de combinar anarquismo e capitalismo era “uma zombaria de filosofia e ideologia” típica dos hippies que se intitulam libertários, mas que poderiam ter optado pelo coletivismo de esquerda. Ela diria mais tarde que o Partido Libertário, cofundado por Rothbard, era mais engraçado do que os Irmãos Marx ou Jerry Lewis (FOX, 2017). Rothbard respondeu com textos satíricos, nos quais compara o Coletivo Rand a um grupo de comunistas soviéticos dogmáticos, educados contra a religião, mas, ao mesmo tempo, adoradores de Rand como um ícone, com expurgos contra os rebeldes, mal orientados e com forte controle ideológico sobre os crentes.

Rothbard moldou seu pensamento em um diálogo crítico com os anarquistas individualistas americanos: Lysander Spooner (1808–1887) e Benjamin R. Tucker (1854–1939). Spooner era um abolicionista ativo e defendia uma espécie de mercado livre radical de natureza anticapitalista. Tucker editou o jornal *Liberty*, em que divulgou as ideias de Herbert Spencer e Pierre-Joseph Proudhon, junto com as de Spooner, e defendeu a liberdade de pensamento e o amor livre. Ele editou e divulgou os anarquistas Mikhail Bakunin e Max Stirner e apresentou Friedrich Nietzsche aos Estados Unidos. Ele compartilhou a concepção de Spooner de que a opressão e a miséria dos trabalhadores era resultado de quatro monopólios antimercado livre – monopólios que chamou de “capitalismo” –: dinheiro, aluguel da terra, tarifas e patentes. Seu “anarcossocialismo” baseia-se no axioma de que “o socialismo perfeito só é possível na condição do individualismo perfeito” (TUCKER, 2014, n. p.). Encontramos aqui uma espécie de anarquismo individualista, que considera o livre mercado como parte do direito natural à liberdade, enquanto

o capitalismo – com os privilégios inerentes – é produto da intervenção do Estado. Assim, Spooner e Tucker procuraram destruir privilégios e lutar pela redução do aluguel, lucros e taxas de juros. Algumas dessas ideias inspiraram o libertarianismo de esquerda. Rothbard seguiu essa tradição por um tempo, com textos como *Esquerda e direita: perspectivas para a liberdade* (ROTHBARD, 2019). Em seus escritos, denuncia que “há algo de podre nas entranhas do liberalismo” (ROTHBARD, 2019, p. 23), que é a perda de seu poder transformador: “Com o sucesso parcial da revolução liberal no Ocidente, os liberais abandonaram cada vez mais o seu fervor radical e, com ele, renunciaram às ideias liberais e contentaram-se com a mera defesa do *status quo*” (ROTHBARD, 2019, p. 23). Nessa fase de “esquerda”, Rothbard chega a escrever que o polo oposto do liberalismo não é o socialismo, mas o conservadorismo. Rothbard é, no entanto, um defensor da privatização de todas as instituições sociais para avançar no cumprimento da “lei natural da liberdade” (ROTHBARD, 2019, p.182), incluindo os tribunais, “que operariam em concorrência no livre mercado” (ROTHBARD, 2019, p. 264).

No auge da Guerra Fria, Rothbard manteve uma oposição firme ao intervencionismo militar estadunidense, sustentado pela necessidade de combater o comunismo. Ele considerava que as ações militares fora da fronteira, em nome da liberdade, só conseguiam fortalecer o Estado em casa. Essa posição traria para ele não poucos inimigos no campo da direita norte-americana e acabaria por aproximá-lo, conjunturalmente, da esquerda libertária. Ele foi até acusado de ser “comunista”.

Rothbard defendia que os conservadores eram otimistas no curto prazo – pois achavam que poderiam ganhar militarmente as batalhas contra a União Soviética –, mas pessimistas a longo prazo – visto que temiam uma vitória do comunismo enquanto sistema –, enquanto que os libertários deveriam ser pessimistas a curto prazo – poderiam perder algumas batalhas para o comunismo –, mas

otimistas a longo prazo. Como já havia demonstrado Mises, o planejamento centralizado era inviável, o que acabaria com a União Soviética, mesmo que até o momento ela parecesse uma potência invencível com grandes avanços no plano militar e industrial.

Com uma posição provocativa perante os conservadores, Rothbard chegaria ao ponto de afirmar que a União Soviética era “mais pacífica que o governo dos Estados Unidos” e que o verdadeiro inimigo não estava em Moscou, mas em Washington. Hoje é fácil dar razão a Rothbard: a União Soviética de fato não sobreviveu. Porém, nos momentos mais quentes de enfrentamento entre o “campo capitalista” e o “campo socialista” em escala global, essa posição significava uma heresia diante do consenso anticomunista bipartidário. Era também uma aposta na coerência interna de seu sistema de ideias, no qual a rejeição do Estado teria sido o cerne de todo um desenvolvimento teórico que ultrapassa a economia para tentar construir um sistema de pensamento libertário – ao contrário de muitos liberais que colocavam o objetivo anticomunista acima do antiestatismo. Em livros como *Homem, economia e Estado: com poder e mercado* (1962), Rothbard buscou erguer uma verdadeira “ciência libertária” e, em 1969, fundou a revista *Libertarian Forum* com a intenção de difundir o anarcocapitalismo.

O período de maio de 1968 até a posse de Ronald Reagan, em 1981, foram os anos dourados dos libertários nos Estados Unidos, um movimento que teve como epicentro geográfico o sul da Califórnia (FERNÁNDEZ, 2015). Nesse período surgiu: a revista *Reason*, em 1968, como o jornal mensal das “mentes livres e mercados livres”; o Partido Libertário, em 1971; o Cato Institute, em 1977, um *think tank* inicialmente fundado pelo empresário Charles G. Koch para depois se estabelecer com sede em São Francisco. Naqueles anos também foram publicados *A morte da política*, de Karl Hess, na *Playboy*, em 1969, *Manifesto libertário*, de Rothbard, de 1973, *Anarquia, Estado e utopia*, de Robert Nozick, de 1974, e o *Novo manifesto libertário*, de Samuel Konkin III, de 1980. Em 1965,

Rothbard e Hess fundaram a revista *Left & Right*, que fomentou o diálogo entre os libertários e a Nova Esquerda no contexto de emergência de obras de influência antistalinista e antitotalitária. Uma de suas iniciativas foi o colóquio em que Rothbard e o socialista libertário Murray Bookchin participaram em Nova Iorque, em 1968. De fato, os pontos de contato não eram poucos, mas também não eram poucas as diferenças. Como lembra Luis Diego Fernández em seu artigo *Esquerda libertária e nova esquerda: um diálogo*, Samuel Edward Konkin III considerou que um drama da contracultura – geração *beat*, hippies – era os seus seguidores não saberem de economia e desprezarem as diferenças entre mercado livre e capitalismo corporativo monopolista (FERNÁNDEZ, 2015). Os libertários de “esquerda” se engajavam na liberalização das drogas, oposição à guerra e muitos aspectos da revolução alfundegária dos anos 1960. Para Fernández, se a Nova Esquerda foi marcada pelo discurso contracultural do socialismo, o libertarianismo foi constituído como o discurso contracultural do liberalismo conservador; em ambos os casos, eram “fibras anarquistas”. Hess apoiou os Panteras Negras, Konkin III impulsionou comunidades anarquistas próximas ao mundo hippie e Noam Chomsky pôde ser publicado por revistas libertárias (FERNÁNDEZ, 2015). Mas, ao mesmo tempo, a economia dividiu posições. A Nova Esquerda estava longe da devoção antropológica ao livre mercado livre promovida pelos libertários.

A síntese paleolibertária: ir ao povo

Ao final da década de 1970, Rothbard abandonou o Partido Libertário que teria ajudado a fundar e, em uma reaproximação com a *old right*, esboçou uma nova articulação entre princípios libertários e conservadores. Para Bastos Boubeta (2004), o pensador estadunidense construiu uma síntese das ideias da Escola Austríaca de economia, a tradição libertária e os postulados teóricos da *old right* que resultou em um pensamento “reacionário radical”, como o próprio Rothbard se autointitulou, apropriando-se de um rótulo criado contra ele por alguns de seus críticos. Tanto termos

como “reacionário”, “direita radical” ou, ainda, “direita dura” (*hard right*) pareciam mais palatáveis a “conservador”. Porém, para além de construir fronteiras políticas e ideológicas com o (neo)conservadorismo oficial, que teria capitulado diante do estatismo, seu reacionarismo radical remetia a seu desejo de voltar aos Estados Unidos pré-década de 1910, quando o Estado tinha poucas funções, os impostos eram baixos, a moeda era sólida e o país vivia um isolamento feliz. Para além das aproximações com a Nova Esquerda, Rothbard “era um conservador cultural e estava confortável com os ambientes culturais da direita” (BASTOS BOUBETA, 2004). O próprio Rothbard, em seu artigo *Por que paleo?*, publicado originalmente em 1990, salienta que a liberdade terá que florescer mais em uma cultura burguesa e cristã. Dessa maneira, ele circula o termo “paleolibertário” como uma forma específica de articulação entre o libertarianismo e os valores conservadores – e autoritários. A meta de acabar com o Estado se mantém, mas agora caminha de mãos dadas com o fortalecimento das instituições sociais tradicionais. A liberdade é uma condição necessária, mas não suficiente: requer instituições sociais que estimulem a virtude pública e, acima de tudo, protejam os indivíduos do Estado. Essas instituições são a família, a igreja e as empresas. Embora sejam instituições hierárquicas que até reproduzem formas de “Estado”, o argumento é que a adesão a elas é voluntária, o que não é o caso dos Estados. Se é possível abandonar uma, não é possível evitar cair na soberania de outra, o que não é o caso das famílias, igrejas e, pelo menos em teoria, das empresas. Os paleolibertários consideram que a autoridade sempre será necessária na sociedade e distinguem a autoridade “natural” – derivada de estruturas sociais voluntárias – da “não natural” – imposta pelo Estado. Mas há uma questão adicional que separa os libertários dos paleolibertários: os primeiros, nas palavras do rothbardiano Lew Rockwell, misturam o significado de liberdade da opressão do Estado com liberdade das normas culturais,

religião, moralidade burguesa e autoridade social. Resumindo: Estado, não; autoridade social, sim.

Libertarianismo, dizem os paleolibertários, não rima com libertinagem – e não é sinônimo de hippies antissistema como aqueles que povoaram o Partido Libertário, do qual o próprio Rothbard participou. Portanto, uma das tarefas do libertarianismo é se livrar de seu “estilo Woodstock” ou seita antiautoridade e contrária aos “padrões da civilização ocidental”. Defender a legalização das drogas ou da prostituição, como fez o Partido Libertário, colocaria o libertarianismo no reino da contracultura, alienaria-o dos estadunidenses “normais” e o privaria de qualquer chance de vitória. Além disso, o ateísmo militante de muitos libertários – como os proponentes da revista *New Atheism* ou os seguidores de Ayn Rand – iria contra a maioria do povo norte-americano; para os paleolibertários, não se trata de acreditar ou não, mas de defender a “cultura ocidental” como base ética da nova ordem pós-estatal. “Dar aos sindicatos uma licença para cometer crimes subverte a autoridade do empregador. Leis sobre drogas, *medicare* e escolas públicas enfraquecem a autoridade da família. Banir a religião no debate público enfraquece a autoridade da Igreja”, escreve Rockwell (2016). E Rothbard aponta:

O LM [Libertário Modal], infelizmente não odeia o Estado porque o vê como o único instrumento social de agressão organizada contra pessoas e propriedades. Pelo contrário, o LM é um adolescente rebelde contra todos ao seu redor: primeiro, contra seus pais, segundo, contra sua família, terceiro, contra seus vizinhos e finalmente contra o seu berço burguês, as normas e convenções burguesas e contra instituições de autoridade social, como igrejas. Assim, para o LM, o Estado não é um problema único, é apenas o mais visível e odioso de muitas instituições burguesas odiosas, daí o prazer com que o LM carrega a insígnia “questionar a autoridade”. (ROTHBARD, 2016)

O paleolibertarismo não seria, portanto, uma ideia nova, mas um caminho em direção às raízes da velha direita. Em resumo: libertarianismo sem libertinismo, mas também sem neoconservadorismo “estatista”. O paleolibertarianismo pode ser resumido em algumas ideias fortes: o Estado é a fonte institucional do mal ao longo da história; o mercado livre é um imperativo moral e prático; o estado de bem-estar social é um roubo organizado; a ética igualitária é moralmente condenável por ser destrutiva da propriedade e da autoridade social; a autoridade social é o contrapeso da autoridade do Estado; os valores judaico-cristãos são essenciais para uma ordem livre e civilizada. O paleolibertarismo, portanto, se propõe a restaurar a velha concordância entre libertários e conservadores divididos pelo surgimento de um neoconservadorismo que, nas palavras de Rockwell, dá “duas vivas para o capitalismo”, mas três vivas plenas para o “estado de bem-estar conservador” (ROCKWELL, 2016).

Para Rockwell, o libertarianismo de “esquerda” odeia a cultura ocidental, enquanto o objetivo é “reconciliar” o libertarianismo com o povo estadunidense. Mas há um ponto mais sensível: os paleolibertários tendem a considerar que, enquanto no passado os direitos civis significavam direitos dos cidadãos contra o Estado, estes passaram a significar um tratamento especial para os negros e outras minorias em detrimento da maioria. “A segregação forçada pelo Estado, que também violava os direitos de propriedade, era ruim, mas a integração forçada pelo Estado também”, diz Rockwell (2016) e explica que isso não significa que a separação em si seja ruim; na verdade, não é, se essa separação for “voluntária”. É preciso – alerta – não cair em argumentos igualitários, como fazem alguns libertários: “Querer associar-se a membros da própria raça, nacionalidade, religião, classe, sexo ou mesmo partido político é um impulso natural e normal” (ROCKWELL, 2016) e é parte do direito à livre associação. Porém, “muitos libertários também se unem aos progressistas no uso da acusação de racismo para atacar os inconformistas” (ROCKWELL, 2016). Por exemplo, o financiamento

com impostos a um “socialista que atacou a propriedade privada e defendeu a integração forçada”, como Martin Luther King, deve ser rejeitado do ponto de vista paleolibertário, e este é um ponto nuclear para chegar ao centro de seu argumento: o imoral não é a existência de crenças racistas, independentemente de sua falsidade ou veracidade, mas a busca pelo reconhecimento estatal dessas crenças.

Em 1992, Rothbard escreveu um artigo que adquire, à luz dos acontecimentos do século XXI, uma atualidade notável. Lá, o referente libertário se propõe a abraçar o populismo de direita como a estratégia política dos paleolibertários. O artigo começa com uma defesa de David Duke, ex-líder da Ku Klux Klan, candidato a governador da Louisiana e duas vezes candidato à presidência pelo Partido Republicano – Duke apoiava Trump como o mal menor em 2016, enquanto discordava do empresário por sua posição pró-Israel e alegou posições de negação do Holocausto. Para Rothbard, o populismo de direita pode ser um caminho para ganhar maiorias eleitorais para um movimento, como o libertário, que enfrenta sérias dificuldades para crescer além de círculos seletos.

A ideia básica da direita populista é que vivemos em um país estatista, em um mundo estatista, dominado por uma elite governante, o que consiste em uma coalizão entre o estado onipresente e as grandes empresas – *big government*, *big business* – e vários grupos de interesse influentes. Mais especificamente, os velhos Estados Unidos da liberdade individual e do estado mínimo foram substituídos por uma coalizão de políticos e burocratas aliados com, e até dominados por, poderosas elites financeiras novas e tradicionais [...] e a Nova Classe de tecnocratas e intelectuais, incluídos os acadêmicos da *Ivy League* e das elites midiáticas, que constituem a classe responsável por formar opinião pública na sociedade (ROTHBARD, 1992).

Esses intelectuais são a chave para “enganar as massas”, fazê-las “pagar impostos” e “cumprir os desígnios do Estado” – a pílula azul? Por isso, uma estratégia destinada apenas a convencer as elites intelectuais das ideias de liberdade esbarra no (des)interesse dessas camadas intelectuais e formadoras de opinião. A estratégia a favor da liberdade deve ser “mais ativa e agressiva”; não basta se sentirem os donos das ideias corretas e esperarem que o estatismo se desintegre como se desintegrou o comunismo – sob o peso de seus próprios fracassos.

É neste ponto que entra em jogo a aposta populista. É, a rigor, uma via de mão dupla: de um lado, manter a estratégia de divulgação das ideias libertárias e tentar mostrar sua superioridade; de outro, “apelar às massas diretamente para ‘curto-circuitar’ a mídia dominante e as elites intelectuais; mobilizar as massas populares contra as elites que as saqueiam, confundem e oprimem, tanto social quanto economicamente” (ROTHBARD, 1992, p. 8). Os libertários, em suma, devem conquistar as maiores saqueadas por uma aliança profana entre liberais corporativos de grandes empresas e elites da mídia, que criaram uma subclasse alimentada pelo esforço dos trabalhadores e das classes médias estadunidenses. Os libertários tiveram que abandonar os esforços perdidos para conquistar os *yuppies*¹¹ – os votos do Partido Libertário estão em torno de 1% – e ir para o povo. Para isso, Rothbard tem um programa de oito pontos:

- Reduzir drasticamente os impostos;
- Desmantelar o Estado de bem-estar social;
- Abolir privilégios raciais e de grupos;
- Voltar às ruas: esmagar os criminosos;
- Voltar às ruas: livrar-se dos vagabundos;

.....

11 *Yuppie* é uma derivação da sigla de *young urban professional* (YUP), um termo anglófono para designar jovens trabalhadores entre 20 e 40 anos que, geralmente, eram vistos como mais conservadores do que os jovens da geração hippie (N. R.).

- Abolir a reserva federal: atacar os banqueiros criminosos;
- Estados Unidos em primeiro lugar;
- Defender os valores da família.

São os homens brancos, estúpido!

Não é preciso ser muito desconfiado para identificar no último projeto de Rothbard os eixos do populismo e das extremas direitas atuais. É uma espécie de programa de transição – os libertários participariam da gestão do Estado – com o objetivo de criar as condições para a “privatização definitiva” e, ao mesmo tempo, esse projeto incentivaria uma coalizão entre elementos conservadores e tradicionalistas não libertários – mesmo autoritários. É, com efeito, o tipo de coalizão populista que encontramos quando analisamos fenômenos como o de Trump ou de algumas direitas europeias. Todavia, que elementos facilitaram essa mudança do libertarianismo para a extrema direita? Um deles – aponta Gulliver-Needham (2018) – refere-se à sua base sociorracial e genérica: o libertarianismo, assim como a extrema direita, é particularmente atraente para os homens brancos de classe média. Porém, ao mesmo tempo existem semelhanças ideológicas e emocionais – linguagem e atitudes.

Quando você vê um libertário e um neofascista reclamando do feminismo, é quase impossível distingui-los. É muito estranho ver um liberal clássico atacando a direita alternativa ou os racistas: ele se sente muito mais confortável, em vez disso, hostilizando a esquerda. Ambos usam a mesma linguagem e os mesmos jargões e palavras como “SJW” [justiceiros sociais] ou “valores ocidentais” são constantemente usados em ambas as esferas. Isso torna incrivelmente fácil para a extrema direita conviver com os libertários; ambos falam literalmente a mesma língua. Os socialistas controlam a mídia? Troque socialistas por marxistas culturais e você estará

na metade do caminho para se tornar o novo Richard Spencer. (GULLIVER-NEEDHAM, 2018)

Outro terreno comum é o da imigração. Nesse âmbito, para além de questões raciais e “culturais”, retorna a questão onipresente da justiça social.

A mesma retórica em relação aos pobres indignos é utilizada em relação aos usuários da previdência social e aos imigrantes, que aparentemente passam a viver da previdência [estadunidense]. Isso também se deve à ideia de que os imigrantes preferirão votar em partidos progressistas (o que costumam fazer) e, conseqüentemente, levarão a um Estado de bem-estar social mais forte. Repetidamente, os libertários têm demonstrado disposição de abandonar o que afirmam ser seus princípios fundamentais a fim de manter a ordem social que os mantém no topo. (GULLIVER-NEEDHAM, 2018)

Mas, ao mesmo tempo, ateus libertários e direitistas religiosos podem enfrentar juntos os perigos do Islã e da “grande substituição” da população ocidental e, junto com ela, suas tradições e valores. A diferença com os neoconservadores é que essa luta seria mais uma proteção da fortaleza estadunidense do que uma cruzada para democratizar o mundo, já que gostam de velhos falcões próximos ao complexo militar-industrial. Eles também compartilham de uma defesa apaixonada da posse irrestrita de armas, uma “cultura” que vai desde a defesa pessoal e familiar até a formação de milícias antiestado.

E a questão da globalização? Gulliver-Needham (2018) acredita que os libertários nunca foram tão entusiasmados com a globalização como se pensava, e hoje não é difícil perceber a economia global como uma grande ameaça à identidade branca, uma vez que a perda de terreno a favor dos trabalhadores imigrantes afeta os trabalhadores brancos, sem falar no peso da China no mercado global – a

agressividade de Trump contra a China durante suas duas campanhas eleitorais e sua retórica permanente contra o país asiático não é coincidência. Existem deslocamentos semelhantes no caso da discriminação positiva por questões raciais: (1) como já assinalamos, a liberdade de associação deve permitir que cada grupo se organize livremente – mesmo segregando outros grupos; (2) políticas a favor de minorias tornam esses grupos privilegiados em relação aos brancos. “Na filosofia libertária, ninguém pode ser obrigado a associar-se a ninguém. Se os negros cometem crimes ou os judeus espalham o comunismo, discriminá-los é direito de qualquer dono”, resumiu Christopher Cantwell (CANTWELL, 2017), conhecido como o “nazista chorão”. A biografia de Cantwell expressa o deslocamento do libertarianismo à direita, no caso, neonazista e antisemita (WEIGEL, 2017). Ele mesmo disse que foram as ideias de Rothbard que lhe permitiram passar do antiestatismo abstrato às atuais posições racistas, justificadas em nome da livre associação.

A ideia de decadência – do ocidente – é um terreno comum para o libertarianismo e a extrema direita. O bem na sociedade – representado pelo governo reduzido nas origens da formação dos Estados Unidos para os libertários; gênero e hierarquias raciais para a extrema direita – está sendo perdido, em grande parte, por causa dos progressistas. Em última análise, foi a extrema direita que recuperou uma atitude mais “viril” em relação ao comunismo, uma batalha que se enfraqueceu após o fim do socialismo real e das fantasias liberais sobre o “fim da história”. Hoje, o progressismo não seria nada mais do que uma versão adoçada da arrogância fatal que busca transformar a sociedade, em um sentido igualitário, com milhares de guerreiros da justiça social lutando em diferentes trincheiras, principalmente na cultura, em que a esquerda “ganhou” a batalha.

Se Milei hoje é um libertário, também o é graças a Rothbard. Foi um artigo do economista nova-iorquino que há alguns anos “abriu a sua cabeça” e o fez rever suas convicções. O texto, de cento e quarenta páginas, é *Monopólio e concorrência*. Quando terminou de

ler Rothbard, ele disse a si mesmo: “Por mais de vinte anos, tenho enganado meus alunos. Tudo o que ensinei sobre estruturas de mercado está errado. Está errado!”.¹² Lá, Milei, um ex-goleiro júnior do Chacarita e economista do grupo eurnekiano, percebeu que os argumentos neoclássicos contra os monopólios não tinham base e que “*a competição perfeita é tão estúpida que não há competição em absoluto*” (informação verbal). Para Rothbard, ao contrário, os monopólios não são ruins em si: eles podem até ser positivos se forem produto da ação empresarial; são prejudiciais se criados pelo poder do Estado. “*Os primeiros melhoram a relação preço-qualidade; é por isso que os empreendedores são heróis, benfeitores sociais*”, diz Milei (informação verbal) com um toque que nos projeta para o trabalho de Ayn Rand e seus empreendedores super-homens. Estes últimos são gerados pela ação de “políticos ladrões que concordam com empresários prebendários para ferrar com a vida de consumidores e trabalhadores”. Após esta descoberta, Milei comprou “vinte livros” dos austríacos. Já era uma viagem só de ida, até que se tornou anarcocapitalista.

Seu estilo atrai muitos jovens que mal atingiram a maioridade. Em fevereiro de 2019, Milei chegou a um festival de otaku – fãs japoneses de anime – em Buenos Aires vestido de super-herói. “*Minha missão é chutar o traseiro de keynesianos e coletivistas*” (Milei, informação verbal, 2019), declarou. Na ausência de experiências libertárias realmente existentes, ele apelou para *Liberland*, um projeto utópico de microestado na Europa central que captura a imaginação dos libertários. Foi criado em 2015 pelo empresário tcheco Vít Jedlička, que se autoproclamou presidente daquela “república” às margens do Danúbio. A iniciativa buscava concretizar-se em uma terra de ninguém, entre os estados croata e sérvio, sob o lema “Viver e deixar viver” com o sistema *Blockchain*, a tecnologia por trás da bitcoin e outras criptomoedas.

.....
12 Fui um dos “idiotas”, como aluno do curso de Microeconomia, do qual Milei foi professor na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Buenos Aires nos anos 1990.

Essa ideia de criar territórios livres do Estado, como *Liberland*, não é a única. Como vimos no primeiro capítulo do livro que originou este artigo, há quem aposte na construção de colônias libertárias em alto mar, em águas internacionais. Outros apostam em “cidades *charter*” localizadas em países em desenvolvimento e legalmente autônomas, segundo a proposta do vencedor do Prêmio Nobel de Economia, Paul Romer. Com uma lei de Regiões Especiais para o Desenvolvimento (RED), Honduras é o caso mais avançado, embora enfrente uma série de problemas constitucionais. Um ex-presidente de Madagascar também comprou a ideia, em 2008, mas foi afastado do cargo posteriormente e o projeto foi interrompido. Essas cidades teriam legislação, justiça e sistema tributário próprios, exporiam o anacronismo do Estado-nação – e da democracia – e tornariam realidade o sonho da liberdade econômica.

Outra variante são as “cidades livres”, promovidas pelo *Free Cities Institute* da Universidade Francisco Marroquín da Guatemala. Em seu site, anuncia: “É o ano de 2060 e a maioria das pessoas vive em cidades livres que gozam de grande autonomia, desfrutando de um alto nível de prosperidade, paz, saúde e felicidade nunca antes visto” (UNIVERSIDADE FRANCISCO MARROQUÍN, 2011). Todo mundo imagina sua própria Hong Kong ou Singapura.

Mas se alguns libertários procuram lugares de “ninguém” para projetar seus impulsos utópicos ou espaços autônomos no terceiro mundo, outros mergulham em Estados falidos para mostrar que, após o colapso do Estado, as coisas melhoram. Isso é o que Benjamin Powell (2019) faz em seu artigo *Somalia: failed state, economic success?* (Somália: Estado falido, sucesso econômico?). O autor admite que o título pode soar exagerado e esclarece que o país do chifre da África “não é uma utopia libertária”, ao mesmo tempo que não esconde o entusiasmo pela queda do aparelho de Estado e sua substituição parcial por sistemas de autoridade consuetudinários... e muitos piratas. Powell reconhece que os piratas, abundantes no país, são violentos e devem ser extintos, mas não

pode deixar de expressar sua admiração pela forma que esse tipo de empreendedorismo assume: “Estima-se que entre 10.000 e 15.000 pessoas são indiretamente empregadas por piratas em setores relacionados, como reparação de navios, segurança e abastecimento de alimentos” (POWELL, 2019) – outros somalis empreendedores abriram restaurantes especiais para atender aos reféns. Não podemos esquecer que o excêntrico Samuel Konkin III propôs em seu manifesto neoliberal de 1980 construir “zonas libertadas” do estatismo, não pagar impostos e expandir ao máximo a economia não registrada (KONKIN III, 2012).

Milei parece estar seguindo seus passos: não só rejeita que lhe deem uma nota fiscal nas lojas, mas também, em março de 2020, se tornou uma tendência no Twitter após dar uma entrevista no Chile, em que disse: “*Entre a máfia e o Estado, eu fico com a máfia*” (JAVIER MILEI..., 2019, informação verbal). Para o economista, ao contrário do Estado, “*a máfia tem códigos, a máfia cumpre, a máfia não mente, a máfia compete*” – talvez estivesse assistindo filmes de gângsters em excesso? Também propôs, para surpresa do jornalista do programa Via Pública, privatizar as ruas: “*Cada um cuida da sua rua e isso gera renda. [...] No Chile, toda vez que piso em um ladrilho, cospe o socialismo*”, concluiu. Mas a proposta não é dele: Rothbard propôs a mesma nos anos 1980; os libertários não suportam a propriedade pública de nada, nem mesmo das ruas. O libertário Philipp Bagus (2020) até altera uma citação de Rothbard para propor uma solução para a pandemia da Covid-19:

Na sociedade libertária [...] as ruas seriam todas propriedades privadas, todo o conflito poderia ser resolvido sem violar os direitos de propriedade de ninguém: porque então os donos das ruas teriam o direito de decidir quem terá acesso a elas, e eles poderiam manter de fora os “indesejáveis” [no nosso caso, pessoas suspeitas de estarem infectadas com vírus] se assim o desejarem. (BAGUS, 2020)

Agustín Laje também se tornou fã de Rothbard. Ele prefaciou a antologia *Igualitarismo: revolta contra a natureza* (2019), publicada pela editora Unión, de Buenos Aires, e reconheceu que sua descoberta do autor estadunidense é recente. Laje gosta do “Rothbard de direita”, não daquele que flertou com a Nova Esquerda nos anos 1970. O Rothbard preocupado com a cultura, que “vê as lutas culturais que hoje enfrentamos e resistimos da melhor forma que podemos” (LAJE, 2019, p. 13).

Rothbard seria, segundo Laje, uma brisa de ar fresco diante de tanto politicamente correto, “em que acabamos fingindo gostar de axilas peludas tingidas de fúcsia sob o risco de alguém nos acusar de sermos ‘medievais’ ou ‘retrógrados’” (LAJE, 2019, p. 15). Mas Rothbard também serve de base para o principal axioma do libertarianismo: ele “não deve apenas reconhecer a desigualdade existente; tem que defender que, se essa desigualdade é resultado de interações livres e voluntárias, ela deve perdurar no tempo” (LAJE, 2019, p. 21). Rothbard é quem pode unir teórica e politicamente, um Milei com um Laje e ambos com gente como Gómez Centurión ou Cecilia Pando. Em suas ideias é possível encontrar as chaves para a virada do libertarianismo à direita. Mas essas mudanças enfrentaram alguma resistência de libertários relutantes à deriva “paleo” e tudo o que isso traz, sem nenhum benefício de inventário. “Tenho estado preocupado com alguns libertários que se deslocam para a *alt-right* porque estes proto-fascistas [sic] e neonazis da direita alternativa dura têm tropeçado nos libertários há anos”, disse o escritor libertário Jeffrey Tucker (2014), que escreveu extensivamente sobre a ameaça racista ao movimento. Tucker cunhou o termo “libertarianismo brutalista”, o qual contrastou com a vertente “humanista”:

A liberdade permite a cooperação humana pacífica. Inspira serviços criativos de outras pessoas. Mantém a violência sob controle. Mas os libertários brutalistas acham tudo isso chato e o que os impressiona sobre a

liberdade é que lhes permite formar tribos homogêneas, odiar e segregar – desde que a violência não seja usada – expressar opiniões racistas e sexistas, rejeitar a modernidade. (TUCKER, 2014)

E acrescenta: “Os brutalistas estão corretos tecnicamente, de que a liberdade também protege o direito de ser um idiota completo e o direito de odiar, mas tais impulsos não advêm da longa história da ideia liberal” (TUCKER, 2014). Pelo contrário:

Em relação à raça e ao sexo, por exemplo, a libertação de mulheres e minorias de regimes arbitrários foi uma grande conquista dessa tradição. Continuar a fazer valer o direito de regredir na vida privada e relacional dá a impressão de uma ideologia desenraizada desta história, como se essas vitórias para a dignidade humana nada tivessem a ver com as necessidades ideológicas de hoje. (TUCKER, 2014)

REFERÊNCIAS

- BAGUS, P. Por qué los austríacos no son neoliberales. *Mises Institute*, [S. l.], 1 abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3LxFoKl>. Acesso em: 20 maio 2022.
- BAGUS, P. ¿Qué diría Rothbard sobre el pánico del covid-19? *Mises Institute*, [S. l.], 3 mar. 2020. Disponível: <https://bit.ly/3lzbMBu>. Acesso em: 20 maio 2022.
- BASTOS BOUBETA, M. A. Un reaccionario radical: El pensamiento político de Murray N. Rothbard. *Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas*, Santiago de Compostela, v. 3, n. 1, p. 111-124, 2004.
- BLACKBURN, R. *Después de la caída: El fracaso del comunismo y el futuro del socialismo*. Barcelona: Crítica, 1993.
- DEIST, J. Lo que decía Hayek acerca del ‘premio Nobel’ de economía. *Mises Institute*, [S. l.], 10 ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3wvE7ip>. Acesso em: 20 maio 2022.

- ELMAN, J. ¿Quién le teme a Agustín Laje? *Anfibia*, Buenos Aires, 2 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3NuMMro>. Acesso em: 20 maio 2022.
- ENTREVISTA com Friedrich von Hayek. *El Mercurio*, Santiago del Chile, p. D8-D9, 12 apr. 1981.
- FERNÁNDEZ, L. D. *Ensayos californianos: Libertarismo y contracultura*. Madrid: Innisfree, 2015.
- FOX, M. *Ayn Rand and Murray Rothbard: A Love/Hate Relationship. Think Liberty*, [S. l.], 5 set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3yWPmC6>. Acesso em: 20 maio 2022.
- GULLIVER-NEEDHAM, E. (2018). Adam Smith to Richard Spencer: Why Libertarians Turn to the Alt-Right. *Elliot Gulliver-Needham – Medium*, [S. l.], 22 fev. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3wzNQ6i>. Acesso em: 20 maio 2022.
- HESS, K. La muerte de la política. *Mises Institute*, [S. l.], 16 oct. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3yLTNQp>. Acesso em: 20 maio 2022.
- JAVIER MILEI en Via Pública con Matías del Río 18/12/19. [S. l.], 2019. 1 vídeo (40 min 22 s). Publicado pelo canal Partido Libertario Chile. Disponível em: <https://bit.ly/3NqtIQf>. Acesso em: 20 maio 2022.
- KONKIN III, S. *Manifiesto neolibertario*. Madrid: Unión, 2012.
- LAJE, A. Murray Rothbard: un libertario de derecha. In: ROTHBARD, M. *El igualitarismo como rebelión contra la naturaleza*. Buenos Aires: Fundación Club de la Libertad-Barbarroja-Unión, 2019.
- LEVY, T. La rebelión de Atlas, la novela de Ayn Rand que se convirtió en la biblia de los capitalistas y emprendedores del mundo. *The Objective*, [S. l.], 14 de out. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3sMG1ZX>. Acesso em: 20 maio 2022.
- MÁRQUEZ, N.; LAJE, A. *El libro negro de la Nueva Izquierda: Ideología de género o subversión cultural*. Buenos Aires: Unión, 2016.
- NOZICK, R. *Anarquía, Estado y utopía*. [S. l.]: FCE, 2017.
- ONDARRA, M. Laje, el gurú que inspira a Vox: “Si el feminismo tira tanto de la cuerda surgirá un machismo político”. Entrevistado: Augustin Laje. *El Español*, Madrid, 15 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3aePIKg>. Acesso em: 12 maio 2022.

PAZDERSKI, G. AfD-Jugend fordert eigene Partei zum Klima-Kurswechsel auf. Rbb, Berlin, 28 maio 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3sRHyoZ>. Acesso em: 23 maio 2022.

POWEL, B. Somalia: Failed State, Economic Success? *Foundation for Economic Education*, Atlanta, 1 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3wJ8sca>. Acesso em: 20 maio 2022.

RAIM, L. La 'derecha alternativa' que agita a Estados Unidos. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 267, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3lrKdKv>. Acesso em: 20 maio 2022.

RAND, A. *Capitalismo: El ideal desconocido*. Buenos Aires: Grito Sagrado, 2009.

RAND, A. *La rebelión del Atlas*. Buenos Aires: Ariel, 2019.

ROCKWELL, L. En defensa del paleolibertarismo. *Centro Mises*, [S. l.], 12 mar. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3PCc08O>. Acesso em: 23 maio 2022.

RODRÍGUEZ, J. C. Murray N. Rothbard. *El Instituto Independiente*, [S. l.], 1 ago. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/39PNNM5>. Acesso em: 23 maio 2022.

ROSANVALLON, P. *El capitalismo utópico: Historia de la idea de mercado*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

ROTHBARD, M. Right-Wing Populism: A Strategy for the Paleo Movement. *Rothbard-Rockwell Report*, [S. l.], jan. 1992. Disponível em: <https://bit.ly/3wQhGUq>. Acesso em: 23 maio 2022.

ROTHBARD, M. *El hombre, la economía y el Estado: Tratado sobre principios de economía*. Madrid: Unión Editorial, 2011. v. 1.

ROTHBARD, M. ¿Por qué páleo? *Centro Mises*, [S. l.], 14 mar. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3wLSIW8>. Acesso em: 23 maio 2022.

ROTHBARD, M. *El igualitarismo como rebelión contra la naturaleza*. Buenos Aires: Fundación Club de la Libertad-Barbarroja-Unión, 2019.

TUCKER, J. A. Against Libertarian Brutalism. *Foundation for Economic Education*, [S. l.], 12 mar. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3wDr2DO>. Acesso em: 23 maio 2022.

UNIVERSIDADE FRANCISCO MARROQUÍN. Free cities institute en español. *UFM*, Guatemala, 11 nov. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/37J3YtP>. Acesso em: 26 abr. 2022.

VON MISES, L. *Human Action: A Treatise on Economics*. New Haven: Yale University Press, 1949.

VON MISES, L. *La mentalidad anticapitalista*. Madrid: Unión, 2011a.

VON MISES, L. 2da. Conferencia: Socialismo. *Centro Mises*, [S. l.], 2011b. Disponível em: <https://bit.ly/3wCQIEZ>. Acesso em: 20 maio 2022.

WEIGEL, D. Libertarians Wrestle with the Alt-Right. *The Washington Post*, Washington, 24 ago. 2017. Disponível em: <https://wapo.st/389IWVvk>. Acesso em: 23 maio 2022.